

"Opiniões contraditórias não são por acaso"

Para o sociólogo Fernando Correia Dias, Brasília é cidade aberta, sem tradições rígidas

Não é por acaso que ocorrem tantas e tão contraditórias opiniões sobre Brasília - diz o sociólogo Fernando Correia Dias, professor de Sociologia Urbana do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Brasília ao comentar a frequência com que se debate a realidade brasiliense.

Na sua opinião, esse questionamento se deve ao fato de que em Brasília surgiu um novo estilo de vida urbana, totalmente diverso do existente em outros centros:

"É uma cidade aberta, sem tradições rígidas, dotadas de um controle social relativamente flexível. Constitui ainda um amálgama social dos mais diversos contingentes demográficos, vindos de regiões culturais variadas e que aqui se adaptam ao estilo de vida brasiliense. São pessoas em geral com alguma experiência urbana, mas que possivelmente sofreram o impacto de um meio técnico sofisticado, definido pelo planejamento urbano moderno que aqui se implantou."

A experiência mostra que pontos positivos?

Respondendo a esta pergunta o professor Fernando diz que em primeiro lugar, o planejamento assegurou certas vantagens notórias: a falta de poluição e os espaços verdes intocáveis, "que possuem significados simultaneamente estéticos e urbanísticos".

Outro aspecto relevante segundo ele, é o estilo de sociabilidade que decorre da peculiar composição social do brasiliense. "Por um lado, a cidade, socialmente aberta, propicia condições de construção e reconstrução dos planos de vida - dos pontos de vista familiar, religioso e profissional - a algumas camadas da população. Por outro, o contato com grupos de pessoas tão heterogêneas (especialmente pela procedência) possibilita a cada pessoa uma visão integrada da realidade brasileira, até mesmo facilitando a transferência de lealdades estreitamente localistas ou provincianas para o plano da própria Nação em desenvolvimento".

A mulher, em Brasília, tem um papel relevante - diz o professor Fernando - o que ocorre não apenas pelas oportunidades educacionais que na Capital são acessíveis a quase todos, mas também pela maior gama de chances, para o trabalho. "As mulheres - diz - participam

mais da produção, adquirem maior teor de autonomia pessoal, até mesmo partilhando a autoridade masculina no âmbito da família."

Quanto aos adolescentes - vindos de outros pontos do País - eles se sentem bem no Distrito Federal, diz o sociólogo, ao afirmar que o sentimento de amplitude de horizontes, a partir da paisagem geográfica, certamente não constitui dimensão psicológica assinalável.

Mas a cidade - diz Fernando - tem os seus aspectos negativos. "Todos têm alguma noção ou experiência concreta deles, que apareçam ou não em forma de problemas sociais, tais como a mendicância, menores abandonados, dificuldades de moradia e outros". Entretanto, é de opinião que tais problemas devem ser visto como sintomas de outros aspectos mais profundos e sérios, tais como o da desqualificação da mão-de-obra, o pauperismo das populações imigradas, a carência de empregos e a especulação imobiliária.

Fernando vê como uma das necessidades de Brasília a conclusão da urbanização da Ceilândia, local que para ele representa uma experiência relativamente bem sucedida de desfavorecimento e onde, positivamente, não houve descontinuidade na forma de morar, "ao contrário do que ocorre com os conjuntos habitacionais convencionais".

"No plano dos lazeres da população, há muito o que fazer". Esta é outra necessidade brasiliense, apontada pelo sociólogo, no sentido de se criarem condições comunitárias mínimas para a ocupação do tempo livre em atividades atraentes e gratificantes do ponto de vista da reposição da força do trabalho, do divertimento ou da realização cultural.

Finalizando, Fernando se questiona sobre o que parece ser o problema chave, sob o ângulo sócio-econômico: uma criteriosa redefinição das funções de Brasília, que ao invés de definir mais claramente, faz as seguintes perguntas:

- Continuará a ser um centro administrativo apenas?

- Em que medida constituirá um ponto avançado no povoamento e na ocupação dos grandes vazios demográficos da Amazônia e do Centro-Oeste?

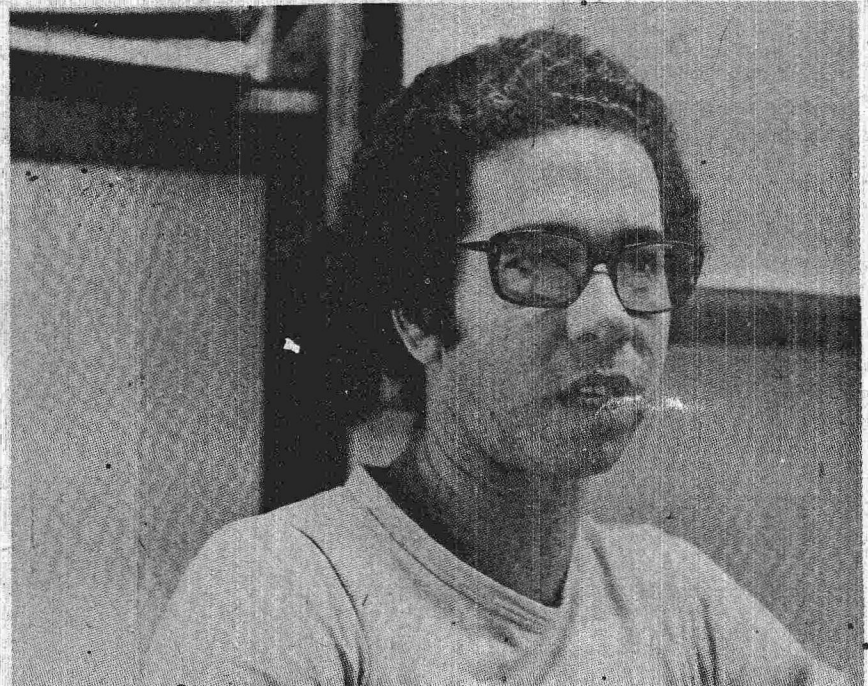
- Será também um pólo industrial?



O problema é a falta de preparação dos moradores para habitá-la



Não há receitas, Brasília é cidade especial



Frederico Holanda: "situação poderia ser melhor"

Para Holanda, Taguatinga é mais acolhedora, porque tem pelo menos uma praça

Frederico Holanda, carioca, arquiteto e urbanista, com dois anos de residência em Brasília, veio para cá a convite da UNB para ensinar no Departamento de Arquitetura e Urbanismo, do qual atualmente é diretor. Holanda foi bastante elucidativo e objetivo ao dizer que "Brasília corresponde à concretização de uma série de leis urbanísticas que vem sendo discutidas teoricamente desde 1930, quando Le Corbusier lançou as "Cartas de Atenas sobre a Arquitetura e o Urbanismo", e que no decorrer destes 13 anos, foi posta à prova a validade dessas leis teóricas que com isto tornaram-se passíveis de contestação ou enriquecimento".

Brasília foi contruída, prosseguiu, tendo como parâmetro básico a ideia de que enquanto cidade administrativa é destinada a um funcionamento específico do setor burocrático, não teria seu plano alterado no sentido de que se tornassem insuficientes todas as divisões em setores que foram previamente estabelecidas para o plano-piloto. Com o passar do tempo, verificou-se que a divisão setorial, não era a solução originalmente esperada, e como prova disso, pôde ser observada a total incapacidade dos setores bancário, comercial e de diversões para atenderem as reais necessidades da população.

Sobre as inúmeras propostas urbanísticas de Brasília, Frederico Holanda disse que um dos mais importantes fatores de que as demais cidades e capitais brasileiras são "espontâneas", isto é, surgidas lentas e livremente a partir de agrupamentos dentro de um ambiente de harmonia comunitária e social. Com Brasília, isto não ocorreu. A cidade foi planejada e inteiramente submetida a um regime de pesquisa racional que a fez surgir praticamente do nada.

"A situação de Brasília poderia ser melhor se não houvesse a brutalização que as firmas imobiliárias, na ânsia de auferir lucros e mais lucros, fazem nos espaços vazios eliminando-os quase que totalmente". A especulação imobiliária aliada à explosão populacional não controlada devidamente transformou Brasília numa "cidade-arquipélago", na qual há pontos altamente povoados, enquanto vastíssimos espaços vazios estendem-se inaproveitados.

Seguiu Holanda, ressaltando que "enquanto as outras cidades têm a marca do uso, ou seja, uma participação ativa da própria população da cidade, aqui, essa tradição urbanística e histórica não existiu. É forçoso ter que se admitir a não participação dos habitantes de Brasília em sua afirmação como cidade. O ideal seria que toda a população brasileira tomasse consciência de sua função vital para o desenvolvimento, função de caráter ativo distante da reclusão e distanciamentos humanos que se verificam na rigidez matemática e simétrica das quadras de apartamentos e casas da W-3".

"Seria aconselhável que as autoridades oficiais fizessem um estudo de opinião pública através de questionários ou de outros meios, para que a população se expressasse publicamente a fim de que com base na opinião dos que fazem de Brasília a capital como ela fosse tomada medidas mais condizentes com as reais necessidades da população".

Quanto às insinuações de que é a própria arquitetura da cidade que faz com que seus habitantes tornem-se restritos a seus apartamentos dando à cidade uma atmosfera monótona e fria, o professor Holanda assegurou que "de forma nenhuma a responsabilidade pela apatia da cidade deve-se ao traçado urbanístico. Pelo contrário, deve-se sim, à má utilização dos espaços em relação à população, e com o controle da mesma, pois a especulação imobiliária faz com que somente determinada faixa da população, classe média alta, habite essa área". "Em Brasília", continuou, "não há os chamados espaços de uso comunitário que permitam através de sua disposição e funcionamento o contato maior, entre as pessoas. Nesse ponto as cidades satélites são bem mais acolhedoras, e um exemplo é Taguatinga onde há 'pelo menos uma praça onde as pessoas se reúnem e se encontram'".

O habitante de Brasília vê-se, então, diante de um problema cuja variável social está nele próprio. É a não utilização dos poucos espaços de uso comum, como praças, largos, setores de diversões, que faz com que o isolamento do brasileiro cresça a cada dia que passa e se restrinja ao mutismo geométrico dos blocos de apartamentos.



Luís Humberto: "muito cacique e pouco índio"

"Qualquer solução é válida, desde que se use a inteligência"

Luís Humberto Martins Pereira nasceu no Rio e vive em Brasília há 13 anos. Tem 39, é arquiteto e fotógrafo da revista Veja.

Sobre a atualização do Plano Piloto, Luís Humberto vê a necessidade de partir-se para a localização de problemas reais e não fictícios, como até então o problema tem sido colocado. Segundo ele, qualquer solução pode ser válida, "desde que o uso da inteligência possa ser feito largamente, o que não aconteceu no Governo passado". Não há receitas, porque Brasília é uma cidade especial, não convencional".

Como arquiteto, Luís Humberto acha que para melhorar-se o nível estético dos edifícios, o problema é de maior amplitude, já que considera a arquitetura de Brasília refletindo o nível do

brasileiro médio, reflexo de um estágio atual do processo cultural brasileiro. "Encontramos lacunas na formação de clientes e profissionais. Então para melhorar o Brasil, com o tempo". Os edifícios residenciais da Asa Norte e os JK foram maus destinados, porque reservavam-se tanto à famílias menores como às de poucos recursos. Acabaram sendo ocupados por famílias numerosas, exemplo bem marcado de um uso de equipamentos que se destinava a preencher outro fim. "Infelizmente a experiência de Brasília como cidade realizou-se para atender o programa de cidade oficial. Explicando-me melhor: muito cacique e pouco índio. Muita gente mandando e pouca gente entendendo que Brasília visava sobretudo a uma vida mais qualificada".



"Em Brasília, não há os chamados espaços comunitários"



"A linearidade e o estaticismo provocam o vazio"



Aqui a tradição urbanística nunca existiu